

## [O ilê (e o mocó) da mona]

De certo modo, todo artista (re)cria um universo mítico do qual procede e de onde destaca peças que passam a representar sua forma de estar no mundo. É um processo íntimo e pessoal que se apresenta ao público transfigurado em algumas chaves de leitura. É um processo também que solicita do público uma (pré) disposição para sonhar, explorar fantasias.

Com *Ilê da mona*, Renato Morcatti dá continuidade a uma experiência de memória afetiva iniciada em *Pirajá*, sua primeira exposição individual. A casa onde o artista nasceu e viveu seus dez primeiros anos permanece como dínamo propulsor e santuário da matéria que compõe e organiza sua obra. A morada se faz presente a partir de revivescências guiadas pelas lembranças do lugar habitado e que também habita Morcatti ao longo da vida. Desta vez, suas emoções vão em direção à prática artesanal para ornamentação de cruces de madeira com papel de seda, preparadas para proteger a casa e seus moradores contra o mal do mundo, exercício vivenciado em sua infância.

Esse trabalho manual ressurgue na série *Mariposa*, especialmente na peça *A cara a tapa*, exposta na vitrine. Frágil e delicada, a obra se encontra em mutação e passará por um experimento de fotodegradação, com exposição constante à luz solar e ultravioleta (luz negra). O processo promoverá a descoloração progressiva de suas cores, "envelhecendo" ou "fazendo nascer", na medida em que as propriedades da matéria forem sendo transformadas durante o período expositivo.

De outro lado, Renato resgata diferentes azulejos, peles/máscaras que revestem a maior parte das paredes da casa. Essas peças se tornam o fundo dos oito estandartes da série *Guia*, os quais entronizam uma figura recorrente retratada em posições atrativas. As formas florais ou geométricas dos azulejos são recriadas sobre lona na confecção dos estandartes. A técnica de criação e experimentação com esse tecido rústico se manifesta na habilidade de desenhar, pintar, cortar, amarrar, costurar, fazer nós utilizando o algodão, assim como o carvão, a tinta a óleo e acrílica. De objeto de culto religioso e popular, de prevenção contra maus fluidos, de exposição de divindades protetoras, os estandartes transgridem essas funções e se tornam manifestos irreverentes da mona que preside a este ilê.

*Ilê da mona* traz consigo um mocó, um esconderijo de outra memória afetiva, uma outra criação artística que não sabemos o quanto é anterior (ou não) ao projeto estético-artístico de Morcatti. Tara Wells ressurgue e (re)encontra Re-nato na casa-santuário, no palco dos estandartes, no espaço da matriz religiosa que se torna transgressão. Tara

emerge e passa a conviver com o espaço familiar, em uma nova dinâmica ainda a ser explorada e que abre novas perspectivas para a produção do artista.

Nesta nave-galeria, mergulhamos no ilê e no mocó de Renato Morcatti, nas memórias da casa, nas lembranças de Tara. Com uma surpresa adicional: uma vitrine na entrada que poderá funcionar como um prisma óptico, metamórfico, para buscar novas possibilidades de leitura.

Luiz Morando

Pesquisador independente e especialista em memória das identidades LGBTQIA+.